

## MAIS ALÉM DO IMPOSSÍVEL: DESEJO E INSATISFAÇÃO EM *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM* DE CLARICE LISPECTOR

Gilson Antunes da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Em Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector, a personagem central, guiada por uma insatisfação perene, pauta sua vida na busca por um objeto capaz de aplacar sua falta, capaz de satisfazer sua sede permanente de pousar num fim. Como para o desejo não há esse objeto de plenitude, Joana, qual Tântalo, presa no poço, está em perpétua tentativa por atingir o coração selvagem; mas, como o título do romance já sinaliza, ela permanece sem seus entornos, aproximando-se e se distanciando sempre desse alvo. Entrelaçando Psicanálise e Literatura, este artigo propõe um estudo do referido livro de Clarice Lispector, enfatizando o desejo, a insatisfação e a odisséia da protagonista rumo à satisfação, ao objeto perdido.

**Palavras-chave:** Desejo; Insatisfação; Coração selvagem

### INTRODUÇÃO

Matriz de variadas indagações e de constantes estudos durante toda a história do pensamento ocidental, o desejo constitui eixo temático na teoria freudiana. Definido como busca de um objeto que se imagina ser fonte de satisfação, esse movimento sempre inquietou a humanidade por sua natureza incansável e contínua. Arelado ao sentimento de falta, carência ou privação, ele não sucumbe à satisfação, renascendo constantemente após cada investida, colocando o sujeito no plano da circularidade, no campo do devir.

A ficção de Clarice Lispector põe em cena personagens insatisfeitas, inadaptadas, contraditórias, em constante embate entre sua demanda de felicidade e a precariedade do real. Através de suas personagens, a autora procura chegar à dimensão mais secreta da existência, ao âmago do ser. Portanto, “o que interessa a Clarice Lispector não são os indivíduos em si, mas a paixão que os domina, a inquietação que os conduz, a existência que os subjuga”. (NUNES, 1976, p. 117). Essa inquietação é pulsante no primeiro romance da escritora, tornando sua protagonista um ser em desmesura, que se desdobra na tentativa de aplacar essa fome estruturante, embora quase nunca atinja a satisfação almejada. *Perto do coração selvagem* (LISPECTOR, 1980) caracteriza-se como uma obra de cunho existencial em que o caráter errático do sujeito retrata o drama da natureza humana diante de seu projeto oscilante de vida, tornando-o ser provisório, em constante devir, realçando a inquietude e a insatisfação que movem a sua protagonista, que caminha sempre à frente de si mesma, na tentativa incansável de atingir o coração selvagem.

A Literatura e a Psicanálise, como formas de interpretação, põem em evidência os abismos do fenômeno humano, descobrindo seu potencial destrutivo e descortinando o ser em sua natureza mais recôndita, mais selvagem. Clarice Lispector, pela via do romance, mostra a

<sup>1</sup> Licenciando em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (7º semestre); Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador - UCSal; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia - FACCEBA e Mestrando em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. E-mail: [gilsonfi@bol.com.br](mailto:gilsonfi@bol.com.br) - Autor.

dor de existir, diz sua versão de uma experiência real e tragicômica, como toda existência, desvelando a busca angustiante do ser na trilha de um desejo insatisfeito e em permanente devenir.

Tomando a Psicanálise como campo interpretativo, capaz de auxiliar no entendimento da trama do texto literário, este artigo faz uma leitura do livro *Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector, destacando a relação entre desejo e insatisfação, a fim de evidenciar o percurso da personagem central que anima essa narrativa em direção ao coração selvagem, à Coisa, a *das Ding*. Trata-se de um estudo bibliográfico, cujo marco teórico principal é a Psicanálise de linha freudiana, buscando entrelaçar dois campos discursivos: a Literatura e a Psicanálise. Dessa forma, este trabalho destina-se a fazer psicanálise em extensão, isto é, “a psicanálise que pretende se aproximar das produções da cultura e que desconsidera qualquer relação entre atenção flutuante e curso associativo” (FREITAS, 2001, p. 26), possibilitando a interseção entre dois campos discursivos.

## DESEJO E INSATISFAÇÃO: CONTORNOS INFINITOS AO REDOR DO CORAÇÃO SELVAGEM

O campo temático perpassado pela escritura de Clarice Lispector põe em cena questões de natureza variada, desde a arte de escrever a aspectos relativos à dor de existir que se manifesta numa busca angustiante pela plenitude, pelo absoluto. Esses temas obedecem a uma continuidade que se inicia em *Perto do coração selvagem* (obra inaugural) e se repete até *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Articulados entre si, constituem uma totalidade significativa que se configura numa concepção de mundo. Dentre os elementos constitutivos dessa temática, Benedito Nunes (1995) destaca:

A inquietação, o desejo de ser, o predomínio da consciência reflexiva, a violência interiorizada nas relações humanas, a potência mágica do olhar, a exteriorização da existência, a desagregação do eu, a identidade simulada, o impulso ao dizer expressivo, o grotesco e/ou escatológico, a náusea e o descortínio silencioso das coisas (NUNES, 1995, p. 100).

A inquietação é, portanto, um dos temas centrais na obra clariceana. Joana, em *Perto do coração selvagem* é o próprio símbolo dessa insatisfação humana. Martim e Vitória de *A maçã no escuro* (1992) também são absorvidos por sentimentos profundos e incontrolláveis de insatisfação. Semelhante a Joana, Virgínia de *O lustre* (1992) é marcada pelo conflito gerado por sua inquietação, oriundo da busca por um tempo perdido. Lucrécia, a protagonista de *A cidade sitiada* (1998), é dominada pela inquietude e pelo desejo de transpor os limites preestabelecidos, de romper as fronteiras de São Geraldo, a fim de encontrar uma vida para além da existência simplificada. Em *A paixão segundo G. H.* (1986), a personagem vive o sofrimento a fim de atingir a despersonalização da mudez; a inquietação por alcançar a matéria-prima da vida a conduz ao neutro, ao vazio, à deseroização, pondo fim ao seu itinerário. Já em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1980), a inquietação que domina Loreley coloca-a no trilho da aprendizagem, no esforço por aprender o prazer ao lado de Ulisses, seu amado. Enfim, a ficção de Clarice Lispector, em sua totalidade, evidencia personagens inadaptadas, insatisfeitas, pautadas no ritmo da procura e da superação de si e do mundo. “Movidos pelo desejo de ser, fonte profunda de onde brotam os seus desejos mundanos, desnudados em sua existência individual, o que neles transparece e se afirma é uma inquietação insondável” (NUNES, 1976, p. 122).

Essa força cega e intemperante que lança as personagens clariceanas num universo de embates constantes, que as põem em confrontos dilacerantes consigo mesmas e que as tornam prisioneiras de uma busca infinda e incansável desemboca, sob a perspectiva da Psicanálise, na noção de desejo. Guiadas por essa motricidade, tornam-se incapazes de aceitar uma vida simples e tranqüila; pelo contrário, estão em busca permanente pela superação de si e do vivido, rompendo com a existência cotidiana e transvalorando os valores tradicionais, pois a ética em que se pautam é a ética do sujeito, a ética de seu desejo. Caminhando em torno de si mesmas, dilaceradas pela falta, seres como “nuvem prestes a chover” (LISPECTOR, 1980, p. 91)<sup>2</sup>, as personagens que animam as narrativas de Clarice podem ser comparadas como uma nau do desejo, heroínas de uma *hybris* incontida, de uma força em desmesura.

Um barco sem porto  
Sem rumo, sem vela  
Cavalo sem sela  
Um bicho solto  
Um cão sem dono  
Um menino, um bandido  
Às vezes me preservo  
Noutras suicido (COSTA, 1997, f. 07).

Essa imagem do barco sem porto, sem descanso, representação do desejo, é recorrente no livro primeiro de Clarice Lispector. Joana não admite contornos, não aceita a finitude, não consegue compreender-se como ser de falta e de impossibilidades. “Eu toda nado, flutuo, atravesso o que existe com os nervos, nada sou senão um desejo, a raiva, a vaguidão, impalpável como a energia” (LISPECTOR, 1980, p. 135).

Mas o que seria essa noção de desejo para a Psicanálise? A concepção de desejo perpassa a história da Filosofia e adentra na Psicanálise com o valor semântico atrelado à carência, à ausência, à privação, ao movimento e à falta eterna. Na teoria freudiana, a definição de desejo pode ser melhor compreendida a partir da relação com a hipótese da fundação do aparelho psíquico. Freud em *O projeto para uma psicologia científica* (1996b), propõe uma representação de um estado anterior à colocação do psiquismo em funcionamento. Toma como base o princípio de constância de Fechner cuja idéia é a de que o aparelho psíquico teria sido, no início, um aparelho reflexo cujo objetivo era afastar-se de toda excitação. Porém, a excitação imposta pelas condições da vida começou a perturbar esse esquema. Surgira a motilidade a partir das influências de necessidades físicas e interiores. A partir do momento em que essas necessidades não puderam ser satisfeitas por si só, surgiu a dependência a um ser externo, e a mãe é quem exercerá esse papel, indo ao auxílio do recém-nascido, aplacando essa carência, efetuando aquilo que Freud (1996d) chamou de experiência de satisfação.

Quando a pessoa prestativa efetuou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este estímulo se encontra numa posição, por meio de dispositivos reflexos, de cumprir imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária, para eliminar o estímulo endógeno. A totalidade desse processo representa então uma experiência de satisfação, que tem as

<sup>2</sup> A partir daqui, toda vez que se fizer necessário citar essa obra, mencionar-se-á apenas o número da página, a fim de deixar o texto, do ponto de vista estético, com uma melhor aparência. A edição adotada, conforme referência já feita é: LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

conseqüências mais decisivas para o desenvolvimento das funções individuais (FREUD, 1996b, p. 422).

A partir dessa vivência, ficarão marcados e gravados na memória do indivíduo traços mnêmicos dessa experiência prazerosa. Um componente essencial desta vivência é a aparição de uma certa percepção cuja imagem mnêmica fica, daí para sempre, associada à marca que a excitação produzida pela necessidade deixara na memória. Assim, da próxima vez que a necessidade surgir no recém-nascido, suscitará uma moção psíquica que quererá investir novamente a imagem de memória daquela percepção e produzi-la outra vez, isto é, restabelecer a situação da primeira satisfação. Desse modo, o movimento que tenta reviver essa satisfação primordial é o que Freud (1996a) chamou de desejo.

Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção (FREUD, 1996a, p. 594-5).

Nascido da perda irreparável do objeto, o desejo se define como a busca indefinidamente repetida dessa ausência que não cessa de ser presentificada por outros objetos, sob aspectos aparentemente irreconciliáveis, procurando burlar a censura imposta ao desejante e ao desejado.

O desejo, portanto, se constitui como uma falta, como uma força de empuxo, de valor negativo e que força também o aparelho psíquico a dar conta desse vazio. Isso resulta numa procura constante, já que a falta é falta de nada: jamais houve algo lá onde falta a Coisa. A busca pelo absoluto não tem ressonância na realidade, pois a totalidade não cabe mais ao sujeito desejante, ser de falta e de procuras infinitas.

Definindo o desejo inconsciente como ‘a organização pulsiva das memórias’, a psicanálise demonstra que o desejo interpretado sempre aponta para as impossibilidades da experiência do absoluto. Sempre mantém ‘a aspiração para a satisfação absoluta’ numa relação nostálgica a um objeto primordial definitivamente perdido, sustentando o sujeito entre o fato e a ficção, entre verdade e engano, entre a sua incompletude e um ‘anseio de ser’ que o remete a uma alienação primária, a um ‘descentramento’ radical e o sentido trágico da estruturação do desejo metonímico, em permanente deslocamento em relação a objetos substitutivos (BRAZIL, 1996, p. 10).

Uma vez nascido o desejo, o sujeito jamais cessará de repetir a busca de satisfação primeira, encontrando na realidade apenas substitutos precários de seu objeto disperso. Assim, tal desejo, que se refere a este objeto mítico e que funda a dinâmica do psiquismo, é por natureza inapreensível e indestrutível, uma vez que tem a falta como motor. “É em torno deste objeto que falta que o sujeito faz gravitar seu desejo e toma sua orientação subjetiva apelando à fantasia que constitui na tentativa de responder a esta lacuna” (MELLO, 1995, p. 22). É essa força incontrolável, essa saudade de um reflexo, que move o indivíduo, tornando-o uma “nau do desejo”, abandonado em mar revolto, entregue às paixões contraditórias e infundas; o sujeito faltoso que se direciona por vias diversas rumo a um bem inatingível. Esse motor que move todas as coisas lança o sujeito no mundo da tragicidade e da desmesura, colocando-o em embate

com um mundo que frustra e magoa. “A realidade é precária. E é justamente na medida em que seu acesso é tão precário que os mandamentos que traçam sua via são tirânicos” (LACAN, 1997, p. 43). O sujeito torna-se um ser determinado pelas pulsões insaciáveis, um órfão de profunda carência, um hiato indefinido.

É esse hiato indefinido que anima a narrativa de *Perto do coração selvagem*. O romance, sob uma perspectiva bastante inovadora, apresenta a história fragmentada de Joana, órfão de pai e mãe, que é criada pela tia, logo após a morte do pai. Como ela apresentasse comportamentos singulares, para além da ética tradicional e inspirasse na tia medo e pavor, esta resolve colocá-la num internato. Depois que sai, casa-se com Otávio, antigo namorado de Lídia, mas esse casamento não a salva de sua sede. Otávio reata a relação com Lídia e a engravida. Joana descobre tudo, quer também ter um filho, mas não consegue. Tenta a satisfação com outro homem, mas sua fome é implacável. Viaja indefinidamente num mar nebuloso, enquanto entoa seu *de profundis*. A protagonista da obra, guiada por um *daimon* inquieto, perfaz uma travessia homérica dentro da narrativa, na tentativa de atingir o inatingível, de suplantar uma sede para o qual toda água é insuficiente. Só que para ela não há uma Penélope tecelã nem um palácio como abrigo; pelo contrário, a Joana lhe aguarda somente o furo, a angústia do querer, o desejo insatisfeito de sempre desejar. “Inspirai-me, eu tenho quase tudo; eu tenho o contorno à espera da essência” (p. 63).

Joana se configura aí como o vaso das Danaides, objeto sempre preenchido, mas a todo instante esvaziado. E nesse movimento de esgarçamento subjetivo, a personagem, dominada por sua *hybris*, vive o suplício de Tântalo, tentando sempre atingir o coração selvagem.

Joana passeia pela vida e sofre, sempre obcecada por algo que não atinge. Move-se perenemente entre aquelas ‘formas vãs e as aparências’, de que o poeta julgou se ter libertado; e, como ele, apenas entrevê a zona mágica onde tudo se transmuda e a convenção dos sentidos cede lugar à visão essencial da vida. ‘Eu posso tudo’. A pobre Joana nada pode, como todos nós (CANDIDO, 1997, p. 129-30).

Fracassada nessa busca, incapaz de tocar o inatingível, a protagonista relança-se em novas tentativas, mantendo-se em constante esforço sempre renovável de se superar a cada dia. “Ando, deslizo, continuo, continuo... Sempre sem parar, distraíndo minha sede cansada de pousar num fim”. (p. 62). Movida pelo brilho das estrelas que tremula dentro de si, Joana não aceita a finitude, deslizando sempre para além do determinado. “Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida”. (p. 62). Por outro lado, muitas vezes não compreende essa insatisfação e sofre com seu suplício, com essa sede infinita de repousar em algum lugar. “Por que surgem em mim essas sedes estranhas? A chuva e as estrelas, essa mistura fria e densa me acordou, abriu as portas de meu bosque verde e sombrio, desse bosque com cheiro de abismo onde corre água” (p. 61). Noutras, vacila acerca de sua constituição enquanto ser de desejo.

Ando sobre trilhos invisíveis. Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são as verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome. \_ Sou pois um brinquedo a quem dão corda e que terminada esta não encontrará vida própria, mais profunda. Procurar tranquilamente admitir que talvez só a encontre se for buscá-la nas fontes pequenas. Ou senão morrerei de sede. Talvez não tenha sido feita para as águas puras e largas, mas para as pequenas e de fácil acesso. E talvez meu desejo de outra fonte, essa ânsia que me dá ao rosto um ar de

quem caça para se alimentar, talvez essa ânsia seja uma idéia \_ e nada mais (p. 64-5).

Mas, como um animal solto, Joana deseja sempre essa coisa, causa de sua existência e de seus sofrimentos e, acima de tudo, motivo de sua insatisfação. Renovar-se sempre era sua meta, a fim de tocar no âmago da Coisa, atingir o objeto de desejo. “Renascer depois, guardar a memória estranha do intervalo, sem saber como misturá-lo à vida. Carregar para sempre o pequeno ponto vazio \_ deslumbrado e virgem, demasiado fugaz para se deixar desvendar” (p. 148). Esse ponto vazio nada mais é que o impossível, o furo em torno do qual gira o desejo em sua fome incontornável. Trata-se, segundo Lacan (1997) de *das Ding*, da Coisa freudiana. “*Das Ding* deve, com efeito, ser identificado com o *Wiederzufinden*, a tendência a reencontrar, que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano em direção ao objeto” (LACAN, 1997, p. 76). E é nessa busca sempre renovada por *das Ding* que o sujeito ativa processos inconscientes de identificação, fantasia a realidade e tece representações capazes de lhe proporcionar prazer para sua demanda de completude e de totalidade. Nessa dialética, o sujeito é sempre outro, sempre diferença e devir. “Ele é simultaneamente, um e múltiplo, pois é indeterminável. É a diferença em estado puro, a multiplicidade atualizada” (WINOGRAD, 1998, p. 94).

Essa inquietude sufocante em direção a *das Ding* leva Joana ao desdobramento de si, conduzindo-a à dispersão do eu fracassado por não poder transcender à falta estrutural. Nessas investidas que ela faz em direção à angústia da falta, sua individualidade perde o que vai ganhando; ela esvazia-se constantemente, tornando-se diferente em cada momento. Joana é fluida como o tempo e, nesse tempo descontínuo, dispersa-se em muitas vidas.

Resvalo de uma verdade a outra, sempre esquecida da primeira, sempre insatisfeita. Sua vida era formada de pequenas vidas completas, de círculos inteiros, fechados, que se isolavam uns dos outros. Só que no fim de cada um deles, em vez de Joana morrer e principiar a vida noutra plano, inorgânico ou orgânico inferior, recomeçava-a mesmo no plano humano (p. 93-4).

Joana é a própria descontinuidade que se dispersa em momentos distintos, incapazes de abarcar uma totalidade. Ela “é a vertigem de quem, sem dominar-se, faz do acaso a sua riqueza” (SCHWARZ, 1981, p. 56). É sujeito errante a se construir num círculo que nunca se fecha, permanecendo “esboço aberto a um preenchimento impossível” (ROSEMBAUM, 2006, p. 38).

A vida errante de Joana é toda essa tentativa de encontrar na alteridade algo que aplacasse sua fome, algo que lhe transbordasse, enfim, encontrar em definitivo algo que satisfizesse seu desejo. E, nesse devir do desejo, ela constrói identificações, quase todas frágeis e debilitadas. Nada e ninguém a definem, porque ela não admite contornos.

Impossível explicar. Afastava-se aos poucos daquela zona onde as coisas têm forma fixa e arestas, onde tudo tem um nome sólido e imutável. Cada vez mais afundava na região líquida, quieta e insondável, onde pairavam névoas vagas e frescas como as da madrugada (p. 185).

Joana é cavalo solto, livre e destemido, a pastar em águas infindas. “Exposta aos intemperismos, ela está à espera dos acontecimentos. Sem diretriz, despossuída, resvalando de instante e instante, à mercê do tempo. A força de Joana estava, exatamente, na imprecisão” (ZORZANELLI, 2005, p. 115). E essa indefinição é vivida pela personagem como algo prazeroso, porque ela, apesar de sofrer com a força do desejo, encontrava satisfação nessa posição subjetiva.

Ninguém impedia que ela fizesse exatamente o contrário de qualquer das coisas que fosse fazer: ninguém, nada... não era obrigada a seguir o próprio começo... Doía ou alegrava? No entanto sentia que essa estranha liberdade que fora sua maldição, que nunca ligara nem a si própria, essa liberdade era o que iluminava sua matéria. E sabia que daí vinha sua vida e seus momentos de glória e daí vinha a criação de cada instante futuro (p. 187).

Essa personagem não apresenta compromisso consigo nem com qualquer traço de sua interioridade. Esse descompromisso consigo mesma era uma forma de sentir tudo, de experimentar sensações contrárias e dissonantes ao mesmo tempo. Desse modo, “uma vida sem planejamento é, portanto, a expressão maior de sentir - tudo, e exige uma abertura ao movimento imprevisível, descontínuo e pleno de risco de instante-já.” (ZORZANELLI, 2005, p. 112). O único compromisso de Joana é com a vida em demasia, a vida no sentido nietzscheano do termo, a vida como “instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de poder” (NIETZSCHE, 2007, p. 13). Mesmo quando parece fraca e pequenina, a vida se alarga e se expande, jorrando como força espessa e borbulhante, arrebatando a personagem em seu fluxo de consciência:

Mas das profundezas como resposta, sim como resposta, avivada pelo ar que ainda penetrava no seu corpo, ergue-se a chama queimando lúcida e pura... Das profundezas sombrias o impulso inclemente ardendo, a vida de novo se levantando informe, audaz, miserável. Um soluço seco como se a tivessem sacudido, alegria rutilando em seu peito intensa, insuportável, oh, o turbilhão. Sobretudo aclarava-se aquele movimento constante no fundo do seu ser \_ agora crescia e vibrava. Aquela movimento de alguma coisa viva procurando libertar-se da água e respirar. Também como voar, sim, como voar... andar na praia e receber o vento no rosto, os cabelos esvoaçantes, a glória sobre a montanha... Erguendo-se, erguendo-se, o corpo abrindo-se para o ar, entregando-se à palpitação cega do próprio sangue, notas cristalinas, tintilantes, faiscando na sua alma... (p. 190).

E, como desejo, como energia a fluir, ela se fragmenta, ela se multiplica. E, pelo desejo, ela é não - toda, é fratura e hiância errante. Esse percurso *ad infinitum* é sentido, em alguns momentos, com pesar pela protagonista de *Perto do coração selvagem*. Ela não aprende a conviver com a frustração de seus desejos e sofre quando constata a impossibilidade de suspender a vontade. “Há qualquer coisa que roda comigo, roda, roda, me atordoia, me atordoia, e me deposita tranquilamente no mesmo lugar” (p. 137).

Depois de experimentar tudo que tivesse a seu alcance, depois de se dissolver e se multiplicar, enfim, depois de viver demasiadamente sua liberdade e constatar que não atingiu o coração selvagem, Joana sente vontade de se retomar, de juntar os estilhaços de seu eu, de retornar à indiferenciação, de “formar uma só substância, rósea e branda” (p. 47). Mas só a morte realizaria essa função, reataria essa totalidade. “Haveria de reunir-se a si mesma um dia, sem as palavras duras e solitárias... Haveria de se fundir e ser de novo o mar mudo e brusco forte largo imóvel cego vivo. A morte a ligaria a infância ” (p. 181). Porém constata que a morte não seria a satisfação, seria apenas a cessação dessa fome angustiante. E a morte já não mais lhe serve. Correndo sempre à frente de si mesma, Joana “não morreria porque...porque ela não podia acabar” (p. 182). E ela recomeça sempre, em direção ao mar que aplaque sua sede, desdobrando-se indefinida em suas tentativas. “Não era mulher, ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-se em transição” (p. 191). Joana, portanto, é desejo em devir, é transição contínua, esboço sempre rasurado pelo desejo insatisfeito que não acha realização na realidade

precária. Desejar sempre e se desdobrar a cada frustração. Essa é a sina de Joana, essa é a sina de todo ser humano!

## CONCLUSÃO

Depois de perfazer uma travessia pela narrativa inaugural de Clarice Lispector, adentrando nos meandros do desejo e da insatisfação, deparou-se com uma personagem em agonia, desconfigurada em sua identidade, tentando juntar os estilhaços perdidos no seu percurso em direção ao coração selvagem, à Coisa. Nessa odisséia incansável, Joana resvala entre o ser e o não ser e, como nuvem, satura-se e se desmancha, jamais consegue ser algo definido, fazendo-se e se desfazendo a todo instante. Movida pelo desejo, a protagonista tem na insatisfação sua força e seu suplício, relutando entre a plenitude e a falta. Sem poder alcançar-se nem alcançar seu objeto desejado, Joana não admite a frustração e sofre com seu suplício. Rasurada pelo desejo, sua subjetividade agoniza em redor do alvo desejado, glória e desgraça de uma vida errante e insatisfeita como toda vida. A análise evidencia uma subjetividade cindida e o papel do desejo na experiência de cada ser humano. Tomando Joana como modelo, o homem contemporâneo pode tentar uma melhor compreensão de si, na medida em que se espelhar em sua face estilhaçada, em seus rasgos e, acima de tudo, na sua certeza da insatisfação como condição de sujeito, como condição de ser desejante. Para tanto, é preciso aceitar a frustração, aprender a negociar a falta e trilhar caminhos alternativos em busca da felicidade, ao redor de *das Ding*.

## REFERÊNCIAS

BRAZIL, Horus Vital. A uma ética de reconhecimento e renúncia. (Introdução). In: FRANÇA, Maria Inês. (Org.) **Ética, Psicanálise e sua Transmissão**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 09-17.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 125 – 31.

COSTA, Gal. Flor da Pele. Zeca Baleiro [compositor]. In: \_\_\_\_\_. **Acústico**. São Paulo: BMG, 1997. 1 CD. Faixa 7 (1,2 minutos) .

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a, v. IV e V. (Tomos I e II).

\_\_\_\_\_. Projeto Para Uma Psicologia Científica. In: \_\_\_\_\_. **Publicações pré-psicanalíticas e rascunhos não publicados**. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. v.I.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.



\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** 10 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **A maçã no escuro.** 8 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

\_\_\_\_\_. **O lustre.** 8 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

\_\_\_\_\_. **A cidade sitiada.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.** 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MELLO, Denise Maurano. **Nau do desejo:** o percurso da ética de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo:** maldição ao cristianismo: ditirambos de Dionísio. (Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NUNES, Benedito. O mundo imaginário de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. **O dorso do tigre.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Coleção Debates) p. 91- 139.

\_\_\_\_\_. **O drama da linguagem:** uma leitura de Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal:** uma leitura da Clarice Lispector. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2006. \_ (Ensaio de Cultura; 17).

SCHWARZ, Roberto. Perto do coração selvagem. In: \_\_\_\_\_. **A sereia e o desconfiado:** ensaios críticos. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 53-7.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira. **Esboços acabados e vacilantes:** despersonalização e experiência subjetiva na obra de Clarice Lispector. São Paulo: Annablume, 2005.

WINOGRAD, Monah. **Genealogia do sujeito freudiano.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.